

ELEMENTOS PARA COMPREENDER A FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM ITUIUTABA-MG: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DE INSEGURANÇA URBANA ¹

ISABÔHR MIZZA VELOSO DOS SANTOS

Mestre em Geografia. Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica²

isabohrveloso@yahoo.com.br

MARIA ANGÉLICA DE OLIVEIRA MAGRINI

Doutora em Geografia. Docente do curso de graduação em Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal²

angelicaomagrini@gmail.com

RESUMO: A intensificação da urbanização na atualidade vem sendo acompanhada pelo gradativo rompimento dos laços que, de certo modo, vêm mantendo a coesão social nas cidades, transformando a vida cotidiana de seus habitantes, marcada pelas desigualdades socioespaciais e pela violência urbana. Entendemos que tratar do tema da violência urbana é compreender suas aparições contínuas nas cidades, a partir de múltiplos mecanismos de hipervisibilidade/invisibilidade, muitas vezes seletivos, que geralmente não retratam e enfrentam a violência em seu sentido mais amplo e sim a partir de roteiros pré-estabelecidos, que tendem a associar, por exemplo, pobreza à criminalidade, pautando assim, as percepções de insegurança em estigmatizações socioespaciais. Dessa forma, o objetivo geral do artigo busca analisar a percepção de insegurança urbana e suas relações com a tendência de fragmentação socioespacial, a partir da compreensão das dinâmicas subjetivas que perpassam as práticas espaciais da busca por segurança em Ituiutaba-MG. Os conteúdos das percepções de insegurança foram observados por meio de entrevistas realizadas com 10 cidadãos residentes em diferentes bairros da cidade. Foi possível identificar que há elementos que indicam uma tendência de fragmentação socioespacial na cidade, posto que a organicidade do espaço urbano é questionada, objetiva e simbolicamente, pelos cidadãos a partir de estigmatizações e evitamentos que fraturam o cotidiano urbano, interditando acessos e desestimulando vínculos.

PALAVRAS-CHAVE: Fragmentação socioespacial; Insegurança Urbana; Ituiutaba.

ELEMENTS TO UNDERSTAND SOCIO-SPATIAL FRAGMENTATION IN ITUIUTABA-MG: AN ANALYSIS FROM THE PERCEPTIONS OF URBAN INSECURITY

ABSTRACT: The intensification of urbanization today has been accompanied by the gradual breaking of ties that, in a way, have maintained social cohesion in cities, transforming the daily lives of their inhabitants, marked by socio-spatial inequalities and urban violence. We understand that addressing the issue of urban violence is to understand its continuous appearances in cities, from multiple mechanisms of hypervisibility / invisibility, often selective, that generally do not portray and face violence in its broadest sense, but from pre-script established, which tend to associate, for example, poverty with crime, thus guiding perceptions of insecurity in socio-spatial stigmatizations. Thus, the general objective of the article seeks to analyze the perception of urban insecurity and its relations with the tendency of socio-spatial fragmentation, from the understanding of the subjective dynamics that permeate the spatial practices of the search for security in Ituiutaba-MG. The contents of perceptions of insecurity were observed through interviews with 10 city dwellers living in different neighborhoods in the city. It was possible to identify that there are elements that indicate a tendency of socio-spatial fragmentation in the city, since the organicity of the urban space is questioned, objectively and symbolically, by the citizens from stigmatizations and avoidances that fracture the urban daily life, prohibiting accesses and discouraging links.

KEYWORDS: Socio-spatial fragmentation; Urban insecurity; Ituiutaba.

¹ Este artigo é resultado de pesquisa em nível de mestrado acadêmico intitulada: “Entre a (in) segurança urbana e a fragmentação socioespacial: as relações de sociabilidade em Ituiutaba-MG”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal – PPGEPI/CHPO, da Universidade Federal de Uberlândia do Campus Pontal, defendida no mês de janeiro do ano de 2020. No âmbito dos projetos: Fapemig - Fragmentação socioespacial e Direito à Cidade em contextos não metropolitano (2070.01.0002964/2019-07), CNPq - Insegurança Urbana e Fragmentação Socioespacial: entraves à construção do Direito à Cidade (427730/2016-3) e do Projeto Temático FAPESP - FragUrb - Fragmentação socioespacial e Urbanização brasileira: escala, vetores, ritmos, formas e conteúdos (18/07701-8).

² Endereço para correspondência: Rua Vinte, 1600, Tupã, CEP: 38304-402, Ituiutaba-MG.

ELEMENTOS PARA COMPREENDER LA FRAGMENTACIÓN SOCIOESPACIAL EN ITUIUTABA-MG: UN ANÁLISIS DESDE LAS PERCEPCIONES DE INSEGURIDAD URBANA

RESUMEN: La intensificación de la urbanización hoy ha ido acompañada de la ruptura paulatina de vínculos que, de alguna manera, han mantenido la cohesión social en las ciudades, transformando la vida cotidiana de sus habitantes, marcada por las desigualdades socioespaciales y la violencia urbana. Entendemos que tratar el tema de la violencia urbana es entender sus continuas apariciones en las ciudades, desde múltiples mecanismos de hipervisibilidad/invisibilidad, muchas veces selectivos, que generalmente no retratan y enfrentan la violencia en su sentido más amplio, sino desde el preguión establecidos, que tienden a asociar, por ejemplo, la pobreza con el delito, orientando así las percepciones de inseguridad en estigmatizaciones socioespaciales. Así, el objetivo general del artículo busca analizar la percepción de la inseguridad urbana y sus relaciones con la tendencia a la fragmentación socioespacial, desde la comprensión de las dinámicas subjetivas que permean las prácticas espaciales de la búsqueda de la seguridad en Ituiutaba-MG. Los contenidos de las percepciones de inseguridad se observaron a través de entrevistas a 10 habitantes de la ciudad que viven en diferentes barrios de la ciudad. Se pudo identificar que existen elementos que señalan una tendencia de fragmentación socioespacial en la ciudad, ya que la organicidad del espacio urbano es cuestionada, objetiva y simbólicamente, por parte de los ciudadanos a partir de estigmatizaciones y evoluciones que fracturan la cotidianidad urbana, prohibiendo accesos y desalentando vínculos.

PALABRAS CLAVE: Fragmentación socioespacial; Inseguridad urbana; Ituiutaba.

INTRODUÇÃO

A percepção de insegurança inserida na realidade urbana altera a vivência cotidiana de moradores de diferentes cidades brasileiras na atualidade. O medo de ser alvo de ações que culminem em algum tipo de violência amplifica tal percepção.

A intensificação do processo de urbanização sob os ditames capitalistas afetou a produção das cidades, tanto no que se refere aos seus espaços quanto no que diz respeito às relações neles estabelecidas. Nesse sentido, algumas rotinas diárias se modificam em virtude da percepção de insegurança crescente. Assim, andar pela rua sem iluminação em horários noturnos, frequentar espaços públicos e/ou privados sem acompanhamento, dirigir sozinho/a em bairros estigmatizados, perceber ou vivenciar o uso e consumo de entorpecentes por conhecidos e vizinhos, ou ser testemunha ocular de ações criminalizadas e marginais, por exemplo, podem aumentar a percepção de insegurança no espaço urbano.

Como destacado em Magrini (2014), o termo violência é polissêmico e pode ser utilizado para fazer referência a diversos tipos de atos, sendo necessário compreendermos a construção da concepção dominante de violência, considerando os aspectos históricos e socioespaciais que a perpassam. No caso específico deste artigo, estamos tratando da violência urbana, entendida não apenas como os atos que têm como lócus as cidades, mas considerando também que os próprios espaços urbanos participam da constituição dos atos violentos. Nesse sentido, entendemos que:

O fato é que o processo de urbanização foi acrescentando qualidades diferenciadas a esses atos, fazendo com que suas naturezas, conteúdos e significações fossem se alterando, conforme a urbanização ia sendo consolidada e as cidades transformadas. Assim, o caráter de concentração de heterogeneidades que as cidades possuem, associado aos hábitos e valores urbanos ligados ao consumo midiático e ao individualismo crescente, por exemplo, fazem com que sejam criados contextos específicos para que a violência se realize. (MAGRINI, 2014, p. 94).

Assim, cabe ressaltar que em praticamente todos os momentos históricos a sociabilidade violenta têm sido um aspecto marcante da história do Brasil, incorporando tanto a relação do Estado com a sociedade civil, como também as relações entre os indivíduos,

conforme assevera o sociólogo Luís Flávio Sapori (2014) ao defender que a criminalidade violenta ainda é o principal problema público da sociedade brasileira na atualidade.

De acordo com Sérgio Adorno (2002), desde a década de 1970 vem se intensificando de modo geral no Brasil o crescimento de todas as modalidades delituosas, principalmente os crimes que envolvem a prática de violência, como os homicídios, os roubos, os sequestros, os estupros. Esse crescimento veio acompanhado de mudanças nos padrões de criminalidade individual e do perfil dos indivíduos envolvidos. Assim, o público alvo das mortes causadas pela violência tende a ser de adolescentes e jovens adultos, do gênero masculino, negros e das classes populares.

Segundo dados publicados no Atlas da Violência de 2019, no ano de 2015 foram registrados no Brasil um total de 59.080 homicídios, o que indica uma taxa de 28,9 homicídios por 100 mil habitantes, índice muito acima do estabelecido pela Organização Mundial da Saúde como violência epidêmica (10,0 homicídios por 100.000 habitantes). Na mesma publicação é possível observar que os municípios brasileiros com menos de 100 mil habitantes registraram um acréscimo de 113% no número de homicídios entre os anos de 1997 e 2017, tornando-se os novos focos do aumento da violência. Esse movimento é acompanhado pelo aumento da percepção de insegurança urbana, sendo que as pequenas e médias cidades passam a ter também a insegurança como um elemento influenciador em seus cotidianos.

É importante destacar que quando falamos de violência urbana nos referimos a determinados atos que podem ser considerados como violentos e quando falamos de insegurança urbana tratamos de percepções, sensações que nem sempre apresentam correlações diretas com o contexto material da violência em si, visto que outros elementos podem entrar na composição dos imaginários de insegurança.

Nesse contexto, o artigo pretende enfatizar a correlação entre a percepção de insegurança urbana e a fragmentação socioespacial em Ituiutaba - MG, a partir das interfaces entre os imaginários urbanos e as relações de sociabilidade. As análises apresentadas se baseiam no conteúdo de 10 entrevistas semiestruturadas realizadas com cidadãos de diferentes perfis de gênero, renda, faixa etária e residentes em diferentes bairros.

Sendo assim, o objetivo central do artigo é analisar como as percepções de insegurança urbana contribuem para o processo de fragmentação socioespacial, a partir da compreensão das cisões que acontecem, complementarmente, no plano dos tecidos urbanos, das práticas espaciais e dos imaginários urbanos em Ituiutaba, no Triângulo Mineiro.

Acreditamos que as atividades associadas à violência e à insegurança urbana influenciam diretamente na apropriação da cidade, promovendo evitamentos e estigmatizações de bairros e de seus cidadãos, o que contribui para a quebra da coesão da vida urbana, reforçando a tendência de fragmentação socioespacial em curso.

Desse modo, o objetivo específico desse artigo centra-se em identificar o processo de estigmatização socioespacial decorrente das representações de insegurança urbana dos cidadãos, observando como a dimensão do imaginário do medo compõe o processo de fragmentação socioespacial de forma mais ampla.

Nesse sentido, o processo de fragmentação socioespacial é por nós entendido como resultante de uma agudização da busca por separação social nas cidades, que se dá a partir de três dimensões complementares: através dos tecidos urbanos (produção de enclaves socioespaciais); pelas práticas espaciais (dos evitamentos e de securitização, por exemplo) e dos imaginários urbanos (como os do medo, da violência e da insegurança na cidade) (MAGRINI, 2013).

A perspectiva deste artigo é qualitativa, sendo assim, a intenção não é utilizar os resultados das entrevistas para fazer categorizações, mensurações, nem generalizações, o que implica no fato de que não buscamos um universo amostral estatístico. A quantidade de entrevistados foi definida a partir da análise da complexidade e diversidade das respostas que se foram sendo obtidas, buscando atender aos objetivos propostos.

ELEMENTOS PARA COMPREENDER A TENDÊNCIA DE FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM ITUIUTABA (MG)

A cidade capitalista contemporânea é marcada pela segregação socioespacial, ou seja, pela separação no espaço dos diferentes grupos sociais. A distribuição das áreas industriais, das áreas de lazer, dos espaços públicos, dos locais específicos de consumo, das vias de tráfego, dos espaços que favorecem a movimentação do transporte público, das áreas das escolas, dos hospitais, dentre outros elementos urbanos, está atrelada à segregação, na qual as parcelas mais pobres da sociedade tendem a ficar restritas a espaços com piores infraestruturas e condições de vida mais precárias enquanto que as parcelas mais ricas se apropriam das melhores localizações.

Para Marcuse (2003) o espaço inerente à cidade capitalista, sobretudo das grandes cidades, é caracterizado essencialmente pelo fato de ser fragmentado, se tornando um mosaico irregular com áreas de diferentes tamanhos, formas e conteúdos, produzidos por agentes sociais diferenciados. Acreditamos que esse processo pode também ser encontrado nas cidades de porte médio, como em Ituiutaba, por exemplo, pelo menos enquanto tendência geral do processo de urbanização.

A ideia de segregação pode ser considerada como uma noção-valise, com diferentes formas de ser entendida, por isso é importante destacar seu componente espacial, como forma de a diferenciar de outros conceitos correlatos como o da espoliação, da marginalização e da estigmatização. Sposito (2013) defende a análise do processo de segregação considerando as múltiplas temporalidades da vida urbana, mediante a revelação dos campos de lutas e das ações na esfera social, que denotam conflitos étnicos, culturais e religiosos mais intensos no tecido espacial urbano. Assim, entendemos que a segregação socioespacial é, de alguma forma, um processo de competição pelas áreas residenciais mais valorizadas no mercado, marcada pela busca da homogeneidade social, econômica e cultural, perpassada diretamente pelas desigualdades socioespaciais.

Historicamente no Brasil, a segregação socioespacial esteve associada aos processos como os de favelização, que conforme nos salienta Sposito (2013) foi mais acentuada nas últimas décadas. Já a partir de 1980, com a justificativa de buscar mais segurança, a produção de espaços residenciais fechados, com a utilização ou não de sistemas de monitoramento e controle, foi sendo ampliada, complexificando a questão da separação dos diferentes segmentos sociais nos espaços urbanos.

Para Teresa Caldeira (2000), é nesse contexto que outras formas de segregação socioespacial foram sendo produzidas, como a autosegregação, em que aqueles que possuem maior poder aquisitivo preferem se separar dos outros, de forma a isolar os mais pobres e a evitar seus espaços. Deste modo, a partir das lógicas contemporâneas de produção do espaço, ampliam-se as desigualdades socioespaciais, com a tendência crescente de delimitação clara entre os espaços “dos ricos” e os espaços “dos pobres”.

Portanto, tal dinâmica de afastamento socioespacial tem gerado o agravamento da situação geográfica dos mais pobres, que, para resolver as problemáticas como a moradia e as demais dimensões de suas experiências cotidianas, têm sido afastados das áreas com melhores condições de vida. É nesse sentido que a segregação socioespacial pode se intensificar, culminando na multiplicidade de afastamento e isolamento da população mais pobre (SPOSITO, 2013). É preciso destacar que o processo de segregação se articula em simbiose com o de autosegregação, na medida em que, um retroalimenta o outro através das ações dos agentes sociais envolvidos, seja no ato de segregar ou de ser segregado por outros grupos.

Nesse contexto, o processo de fragmentação socioespacial advém da radicalização das tentativas de separação dos diferentes segmentos sociais no espaço. O conceito de fragmentação socioespacial é trabalhado por diferentes pesquisadores urbanos. Para Prévôt-Schapira (1999) essa noção se associa com a diluição orgânica entre os pedaços da cidade, com quarteirões de pobreza justapostos a algumas partes de riqueza isoladas, criando arquipélagos urbanos.

De acordo com Navez-Bouchanine (2002) a fragmentação socioespacial pode ser entendida a partir de diferentes dimensões, como a sociológica, a política e a da morfologia

urbana. Para a autora, a fragmentação representa um processo de fechamento de territórios espacialmente delimitados e habitados por pessoas socialmente percebidas como homogêneas, representando assim, uma explosão, um mosaico urbano com fronteiras internas.

Já o geógrafo brasileiro Marcelo Lopes de Souza (2006) aborda a fragmentação a partir da análise do tecido sociopolítico-espacial, tratando dos aspectos sociais e políticos envolvidos na produção do espaço, destacando os diferentes tipos de fechamento de parcelas urbanas, como o “fechamento” de favelas por traficantes de drogas, por exemplo. Desse modo, a cidade em processo de fragmentação, para o autor, possui infraestruturas de transporte precárias e é (re) produzida pela ausência do Estado, pela fomentação do mercado imobiliário, pela ação da população mais pobre e representa certa fratura social e política.

Percebemos assim, no âmbito do desenvolvimento do processo de urbanização, que a noção de segregação socioespacial não consegue sozinha explicar as formas mais radicais da diversificação e diferenciação das áreas urbanas, sendo necessário compreender a fragmentação socioespacial em curso na atualidade, visto que esse conceito visa abarcar os conteúdos da segregação e ir além dela. Desta forma, os conceitos de segregação e fragmentação socioespacial precisam ser minimamente diferenciados.

A segregação socioespacial se baseia numa lógica formada tradicionalmente pela dicotomia entre centro-periferia (CALDEIRA, 2000) e está ligada às diferenciações residenciais e à competição pelas áreas mais valorizadas, costumeiramente centrais. Já a fragmentação socioespacial contempla a ideia de múltiplas centralidades urbanas, podendo haver a coexistência próxima de espaços com conteúdos sociais diferentes, mesmo que essa coexistência não seja acompanhada de efetivas relações de sociabilidade.

É nesse sentido que quando falamos do processo de segregação socioespacial, nos referimos a um contexto em que as moradias dos segmentos mais pobres se localizam prioritariamente nas periferias com poucas infra-estruturas, enquanto as melhores localizações, mais centrais, são destinadas aos segmentos de maior poder aquisitivo. No âmbito do processo de fragmentação socioespacial, essa relação centro-periferia não deixa de existir, mas ela é ressignificada a partir de outros conteúdos, como a existência de loteamentos fechados de alto padrão em áreas de periferia, por exemplo.

É nesse contexto que Salgueiro (2001) e Capron (2006) tratam da produção de cidades fragmentadas socioespacialmente, ao ressaltarem os processos inerentes a um espaço urbano policêntrico e composto por enclaves, que resultam da necessidade dos cidadãos se resguardarem das possibilidades de encontros com os diferentes, ou seja, da vontade de evitamento daqueles que são considerados os “outros”.

Para Salgueiro (1997) o agravamento das rupturas entre os diferentes segmentos sociais faz com que a cidade seja dividida em enclaves distintos, cuja característica central é a falta de continuidade espacial com o entorno que os cercam. Sobre esse aspecto, Capron (2006) acrescenta que os enclaves são definidos por seu caráter de isolamento e de diferenciação, que podem ser expressos pelo fechamento - físico e/ou simbólico - de espaços, resultando em distanciamentos intransponíveis.

A partir de pesquisas realizadas em cidades médias, Sposito e Góes (2013) caracterizam a fragmentação socioespacial a partir da identificação de 3 processos: a) redefinição do papel das áreas centrais e das centralidades; b) multiplicação do número de enclaves associados à busca por segurança, como os loteamentos fechados c) presença de contiguidade espacial sem continuidade, principalmente nas áreas periféricas.

Percebemos assim, que o processo de fragmentação socioespacial é amplo e complexo, devendo ser compreendido a partir do conjunto de relações sociais que advém da busca por separação e que alteram as formas de apropriação das cidades, ao impor barreiras materiais e simbólicas que visam demarcar os limites da sociabilidade urbana.

Deste modo, para compreender a fragmentação socioespacial é necessário identificar os diferentes mecanismos pelos quais o afastamento dos diferentes segmentos sociais se expressa no espaço, identificando os conteúdos das desigualdades envolvidos nessa cisão da cidade em fragmentos. Em Magrini (2013) defendemos que o processo de fragmentação socioespacial acontece em três dimensões analíticas complementares: a) tecidos urbanos (cada

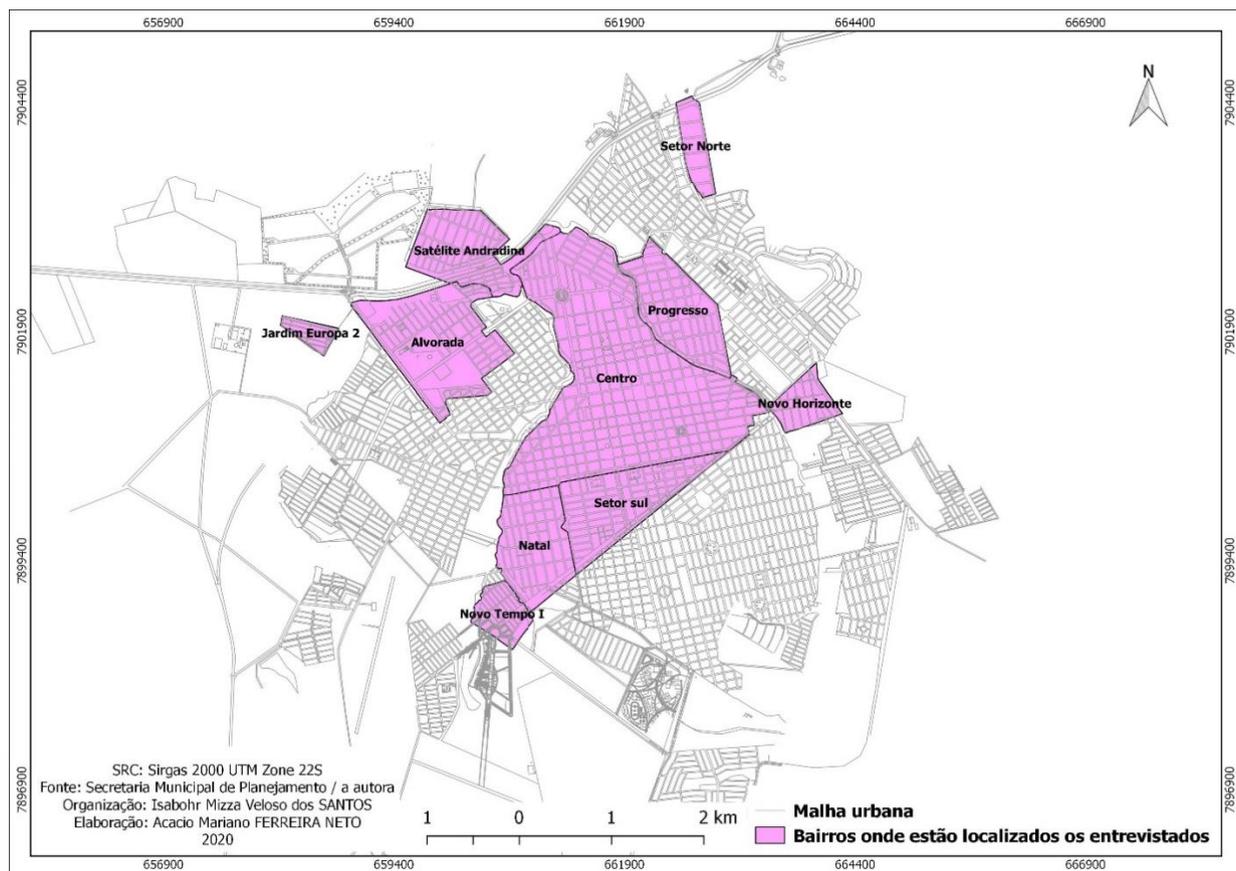
vez mais divididos em enclaves); b) práticas espaciais (baseadas em evitamentos e segmentações) e c) imaginários urbanos (pautados em cisões entre o nós e os outros, por exemplo). Cabe ressaltar que os ritmos dos processos em cada uma dessas dimensões nem sempre são coincidentes, ou seja, pode haver cidades em que as cisões nos imaginários não foram acompanhadas de alterações significativas nos tecidos urbanos, por exemplo.

É nesses termos que identificamos a tendência de fragmentação socioespacial em Ituiutaba. Reconhecemos que, embora a produção de enclaves não seja ainda tão evidente no plano dos tecidos urbanos, no âmbito das práticas espaciais e no dos imaginários a busca por afastamento e isolamento marca o cotidiano dos cidadãos, especialmente quando tratamos da insegurança urbana, como buscaremos demonstrar posteriormente.

Nesse sentido, defendemos que a identificação do processo de fragmentação socioespacial não deve partir de critérios puramente numéricos, com a simples catalogação e localização dos empreendimentos imobiliários que representam enclaves socioespaciais. É preciso ir além dessa análise inicial e complementá-la com a abordagem das práticas espaciais e dos imaginários urbanos. Para explicitar nosso ponto de vista, seguiremos apresentando brevemente os elementos que identificamos a partir dos trabalhos de campo e das entrevistas realizadas³, no que se refere à essas três dimensões complementares que compõem o processo de fragmentação socioespacial.

No mapa 1 temos a espacialização dos bairros de moradia dos 10 cidadãos entrevistados ao longo da pesquisa.

Mapa 1: Ituiutaba. Bairros de residência dos cidadãos entrevistados. 2018 a 2020



Org.: SANTOS, I.M.V; FERREIRA NETO, A. M (2020).

³ O perfil dos 10 entrevistados pode ser observado em: SANTOS, Isabôhr Mizza Veloso dos. Entre a (in) segurança urbana e a fragmentação socioespacial: as relações de sociabilidade em Ituiutaba-MG. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba.

A localização desses bairros nos ajuda a situar a análise das vivências cotidianas dos entrevistados, além das práticas espaciais relatadas, permitindo contextualizar as especificidades das correlações entre insegurança urbana e fragmentação socioespacial referentes aos diferentes bairros da cidade. É possível ter também, a partir do mapa 1, um panorama geral das características da malha urbana de Ituiutaba (MG).

FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM ITUIUTABA: DIMENSÃO DO TECIDO URBANO

Como afirmamos anteriormente, a observação do tecido urbano de Ituiutaba, num primeiro momento, nos leva à identificação de poucos enclaves socioespaciais que possam indicar diretamente a existência do processo de fragmentação socioespacial, principalmente quando tratamos dos enclaves socioespaciais típicos - aqueles destinados aos segmentos de maior poder aquisitivo, como os loteamentos fechados e os shopping centers.

Em Ituiutaba, observamos que, numericamente, a existência desse tipo de empreendimento pode não ser considerada expressiva, visto que há na cidade três loteamentos fechados, sendo que apenas um deles - Portal do Lago - apresenta ocupação significativa, visto que o Condomínio Ituiutaba, conhecido como "Condomínio dos Médicos" apresenta poucas residências e o Condomínio Villagio está em fase de finalização das obras. Temos ainda o empreendimento Pátio Cidade, que, embora tenha dimensões mais parecidas com as de uma galeria comercial, é identificado como um shopping center por seus idealizadores.

Essa pouca expressividade aparente precisa ser contraposta, no entanto, com o contexto socioespacial de Ituiutaba, uma cidade de porte médio com uma população municipal estimada de 105.255 habitantes (IBGE, 2020). Isso porque ao considerarmos as dimensões da cidade de Ituiutaba e ao analisarmos o processo de fragmentação socioespacial a partir do cotidiano urbano, percebemos que a existência desses espaços pode ser significativa, posto que percebida pelos cidadãos como marcadores de distâncias e posições. Ou seja, apesar de serem poucos quantitativamente, esses espaços são significativos qualitativamente, representando bem sua função de enclaves, alterando a vida dos cidadãos e aumentando os distanciamentos.

De acordo com Sposito e Góes (2013, p. 8) a violência urbana pode ser entendida como um pretexto para a opção dos segmentos mais ricos em morar em espaços residenciais fechados, considerando as particularidades da realidade brasileira:

[...] como a herança escravista, a decorrente desqualificação do "outro trabalhador" (e do próprio trabalho) e a relação entre violência e pobreza que estão fortemente imbricadas às transformações mais amplas, resultantes da globalização. Enfatizando o contexto brasileiro mais recente e as relações entre mudança política e forma urbana, Caldeira atribui importância ao processo de democratização brasileiro que, longe de aproximar as diferentes classes sociais, acabou por estimular a busca de novos mecanismos de distinção.

É nesse sentido que uma das principais características do processo de fragmentação socioespacial diz respeito à possibilidade de proximidade espacial entre segmentos de diferentes conteúdos sociais, visto que os mecanismos de separação e distinção garantem que não haja sociabilidade entre eles. O fechamento a partir da justificativa de busca por segurança garante o caráter de enclave para os loteamentos fechados, proporcionando a proximidade entre o loteamento fechado conhecido como Condomínio dos Médicos e o loteamento do Minha Casa Minha Vida (faixa 1) Gilca Vilela Cancelli em Ituiutaba, por exemplo. Fica evidente na paisagem a falta de continuidade entre os espaços citados, dada a separação ostensiva do muro e dos aparatos de segurança, que demarcam claramente os limites entre o dentro e o fora do loteamento fechado.

Na figura 1 temos duas fotos a partir das quais é possível vislumbrar essa separação entre o espaço do chamado Condomínio dos Médicos, marcada principalmente pela utilização

de um muro bem alto, associada ao uso de concertina, que demarca os limites com o espaço do Gilca Vilela Cancelli, onde é possível observar casas sem muro e sem equipamentos de segurança.

Figura 1: Separação socioespacial no tecido urbano de Ituiutaba (MG) – Condomínio dos Médicos e Bairro Gilca Vilela Cancelli - 2020



Foto do muro do Condomínio dos Médicos, com uso de concertina, marcando a separação com o exterior.

Fonte: SANTOS (2020).



Casas sem muros ou equipamentos de segurança no bairro Gilca Vilela Cancelli em contraposição com o muro do condomínio dos Médicos

Fonte: SANTOS (2020).

Esses aspectos são analisados por Sposito e Góes (2013), que ressaltam que à medida em que diferentes empreendimentos se instalam em áreas mais afastadas, existe uma nova definição do que é percebido como periférico e central nas cidades, não implicando necessariamente na diminuição das desigualdades socioespaciais. Isso porque existe uma divisão social dos espaços, que apesar de muito próximos entre si, são separados por muros e sistemas de segurança e controle que garantem a demarcação dessa distinção socioespacial.

Outro aspecto importante a ser destacado é o fato de que, para além dos enclaves socioespaciais típicos, a coesão dos espaços urbanos pode ser interdita também pela utilização privada de mecanismos de segurança, como muros altos, cercas elétricas, concertinas, câmeras de monitoramento, configurando enclaves de outro tipo.

Nesse caso, a violência e a insegurança urbanas não seriam um "bode expiatório" apenas para quem reside em espaços residenciais fechados, mas também para os que habitam os bairros abertos e decidem demarcar na paisagem os limites e as distinções entre sua residência e o entorno, fazendo com que as próprias residências possam ser consideradas como enclaves em si, ao não permitir uma permeabilidade entre o dentro e o fora.

Sendo assim, consideramos que a utilização dos mecanismos de controle e de segurança acrescentam uma nova camada às possibilidades de separação e evitamento nas cidades, fazendo com que a identificação do processo de fragmentação socioespacial seja mais complexa, visto que, ao contrário do processo de segregação socioespacial - que pode ser mapeado a partir da identificação de áreas/bairros segregados em relação à outros -, na fragmentação, o enclavamento pode se dar em outra escala, dentro dos próprios bairros abertos inclusive. É nesse sentido que a dimensão do cotidiano urbano é privilegiada para a análise desse processo.

Nas entrevistas realizadas com os cidadãos, identificamos que esse desejo por securitização das residências figura no imaginário até daqueles que possuem menos poder aquisitivo e residem em bairros mais populares, como demonstram as falas selecionadas:

Entrevistadora: Se você tivesse mais recursos financeiros para utilizar em segurança, o que faria?

Entrevistado: Onde eu moro, eu subiria o muro da frente e colocaria concertina, porque as duas casas do meu lado têm, então faria isso.

Entrevistadora: Para você seria um fator inibidor?

Entrevistado: Exato.

Entrevistadora: Só o muro alto e concertina?

Entrevistado: Não, trocaria o portão por causa que eu gosto mais de ser discreto, eu gosto de... a pessoa passar na rua e olhar para dentro da casa e não me ver.

Entrevistadora: Você queria uma privacidade? Digamos assim...

Entrevistado: É, aumenta minha privacidade dentro da casa. Talvez nem seja questão de segurança... às vezes o portão aberto tem mais segurança, porque se tiver acontecendo alguma coisa, quem passa na rua, às vezes pode ver e acionar a polícia. Mas por questão minha de privacidade eu prefiro casa mais fechada.

João Ribeiro (servidor público, 35 anos, residente no bairro Novo Horizonte).

Entrevistadora: Se você tivesse mais recursos financeiros para utilizar em segurança, o que faria?

Entrevistada: Olha, colocaria os muros altos... mesmo se fosse na frente e muro alto e com grade, colocaria o portão eletrônico, colocaria câmara... sabe, se eu tivesse condições essas seriam algumas das estratégias. Luciana Nogueira (Viverista, 55 anos, residente no bairro Natal).

Já no relato de José Santana⁴, podemos perceber uma perspectiva crítica em relação ao fechamento, na medida em que reconhece que os equipamentos necessários para garantir a segurança seriam parecidos com os de uma prisão.

Entrevistadora: Se você tivesse mais recursos financeiros para utilizar em segurança, o que faria?

Entrevistado: Bom, fala dentro de casa mesmo ou não?

Entrevistadora: Dentro de casa, na sua rotina, na sua vida. Se você tivesse mais recursos financeiros para investir na segurança, especificamente na segurança, o que você faria?

Entrevistado: Não, acredito que assim, a segurança eu acho que infelizmente, não tem como a gente evitar muitas coisas. Porque é... se você for focar muito nisso, você vai viver num mundo fechado, onde você não vai nem poder ver o sol, não vai poder tomar um ar, porque assim, a pessoa vai querer se esconder, então assim, uma forma de segurança que você vê é banco ou presídio, olha que é uma forma de segurança que tem uma boa vigilância, então assim, onde tem grades, tem atiradores para todo lado, tem guarita. Então assim, isso é uma segurança. Mas um cidadão assim de bem, não poderia pensar assim porque senão ele ia parar de viver, com a própria vida dele, certo? Então assim, a segurança mesmo dele são as forças ostensivas que estão na rua, ou seja, policiais, bombeiros, policiais civis.

Entrevistadora: Mas assim, se você tivesse mais recurso financeiro, o que mais você faria para se proteger? Para investir em segurança?

Entrevistado: Eu para mim, me proteger melhor, ah... eu acredito em assim... só se eu colocasse a mesma segurança que tem um presídio mesmo (ri um pouco) ... assim cercar tudo, isolar mesmo, colocar câmeras tanto lá fora, como dentro de casa. José Santana (estudante, 19 anos, residente no bairro Novo Tempo I).

Esses depoimentos nos revelam que a busca por segurança a partir de diferentes mecanismos de fechamento das residências é um fator relevante para os entrevistados, estando associados a conteúdos como de isolamento, privacidade, perda de liberdade.

⁴ Os nomes dos entrevistados são fictícios para preservar suas identidades.

Esse contexto de securitização é analisado por Caldeira (2000) e por Lira (2017), que afirmam que as cidades assumem feições expressadas por uma arquitetura do medo, caracterizada pela utilização de muros mais altos, cercas elétricas e/ou concertinas, sofisticados sistemas de monitoramento e alarmes. Tal estética incorpora elementos de defesa medievais e prisionais, assim como das torres de vigilância presentes nos loteamentos fechados, nas construções das casas e prédios, fomentando as cisões socioespaciais com a justificativa de enfrentamento da insegurança crescente.

FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM ITUIUTABA: DIMENSÃO DAS PRÁTICAS ESPACIAIS

De acordo com Prêvôt-Schapira (2000), a fragmentação socioespacial está relacionada com a separação entre os que têm e os que não têm, quebrando totalmente os laços de sociabilidade nas microescalas relativas às relações sociais. Já para Sposito e Góes (2013) a fragmentação socioespacial está baseada no enfraquecimento da relação entre os cidadãos, a partir da mediação dos conteúdos da insegurança urbana.

Esse enfraquecimento dos laços sociais é agravado em função do aprofundamento da subjetividade neoliberal, nos termos defendidos por Dardot e Laval (2016), na qual o individualismo e a competição passam a dar a tônica da sociabilidade no período contemporâneo. Nesse mesmo sentido, as características da modernidade líquida abordada por Bauman (2009) também nos ajudam a compreender como a dimensão do privado vai se sobressaindo sobre a do público e como as ligações entre os indivíduos passam a ser cada vez mais efêmeras e contextuais, a partir da quebra das narrativas coletivas que sustentavam, de certa maneira, a formação das identidades sociais. Nesses contextos, a percepção de insegurança e os roteiros de criminalização da pobreza e de seus espaços acrescentam novos elementos ao debate, ao disseminar medos e desconfianças.

Esses aspectos acabam justificando as práticas espaciais de afastamento e evitamento nas cidades, fazendo com que a análise do processo de fragmentação socioespacial deva contemplar as diferentes formas a partir das quais os cidadãos se apropriam das distintas parcelas da cidade. Isso porque acreditamos que a existência de cotidianos urbanos fragmentados vai além da existência clara de enclaves socioespaciais típicos.

Nesse sentido, a fala do entrevistado Marcelo nos permite observar alguns aspectos relativos aos processos de evitamentos socioespaciais que ocorrem a partir da estigmatização de certos segmentos sociais e certos setores urbanos. A percepção de insegurança faz o entrevistado admitir, apesar de afirmar que não evita nenhuma área da cidade, que em determinados bairros toma “precauções”, visto que sabe que esses bairros são “complicados”. Cabe ressaltar que todos os bairros citados pelo entrevistado são populares, demonstrando a forte associação entre pobreza e insegurança.

Entrevistadora: Quantas vezes na semana? Foi nesse sentido a pergunta.

Entrevistado: Sempre, sempre estou nos bairros, não assim em questão de atividades, mas sempre ando nos bairros sim.

Entrevistadora: Você vai nos bairros mais distantes... mas fica mais no centro e universitário?

Entrevistado: Até esse domingo, eu fui num aniversário, num bairro perto do Santa Edwiges, um bairro carente. Mas é aquela história, eu cheguei lá e já pedi para guardar a moto dentro da garagem. Eu não teria coragem de deixar a moto do lado de fora, é questão de precaução. Eu sei que estou num lugar perigoso.

Entrevistadora: Então o bairro Santa Edwiges é perigoso?

Entrevistado: Sim. Não é um bairro tranquilo.

Entrevistadora: E você evita ir em algum bairro específico em Ituiutaba? Por quê?

Entrevistado: Não, evitar não evito não. Eu tomo precaução. Quando eu estou em algum lugar, eu sei do local que estou indo, dependendo o lugar e horário eu evito de ir.

Entrevistadora: Mas em relação a um bairro específico, igual o Santa Edwiges, você toma a mesma precaução em outros bairros? Quais bairros?

Entrevistado: Natal, é um bairro complicado. Igual te falei anteriormente, é um bairro difícil, o Natal, Novo Tempo I, Novo Tempo II, são lugares complicados. Marcelo Silva (Professor, 49 anos, morador do bairro Centro).

A apropriação de espaços públicos também é influenciada pelas práticas de evitamento, posto que são identificados com a violência e a insegurança urbanas. Na fala de Luciana Nogueira, residente no bairro Natal, tido pelos entrevistados como um dos mais perigosos da cidade, as restrições à apropriação da praça do bairro são evidenciadas:

Entrevistadora: E nos espaços públicos (ruas, praças, parques) você também se sente insegura?

Entrevistada: Olha, principalmente nas praças, né. Onde a aglomeração de menino... nós estamos falando do bairro Natal, essa praça aqui do bairro Natal, a polícia está ali...

Entrevistadora: Qual é essa praça do bairro Natal? Eu passei ali mesmo e vi um posto policial, bem aqui próximo...

Entrevistada: Isso, é aquela praça mesmo.

Entrevistadora: Qual é o nome dela?

Entrevistada: Praça do Bairro Natal - Céu. E aí a polícia está ali e fica cheio de marginal... eu particularmente não vou para a praça a noite de jeito nenhum e conforme for se eu tiver passando e às vezes tem dia que eu tenho que buscar meus netos na escola, e se eu tiver passando, às vezes eles pedem para poder ir brincar, porque tem uns brinquedos ali... conforme tiver gente ali eu nem vou, porque é perigoso. Luciana Nogueira (Viverista, 55 anos).

Para Capron (2006) a discussão acerca dos enclaves não pode se dar apenas a partir dos espaços securitizados, visto que esse enfoque pode nos fazer observar a realidade a partir de lentes deformantes que não nos permitem superar a dualidade existente entre os bairros de ricos e bairros de pobres. A autora defende que outros tipos de fronteiras e discontinuidades existem na cidade aberta, mesmo que não sejam visíveis a olho nu. É nesse sentido que consideramos que, a partir das práticas espaciais de afastamento e evitamento dos bairros estigmatizados como os mais violentos, são produzidos outros tipos de enclaves socioespaciais.

Sobre esse aspecto, a existência de enclaves socioespaciais de outros conteúdos, além daqueles destinados para os segmentos mais ricos, foi trabalhada anteriormente em Magrini (2013), a partir da ideia de enclaves socioespaciais estigmatizados. Esses enclaves são representados pelos bairros pobres que figuram nos imaginários urbanos como sendo os mais violentos e inseguros, sendo que por conta dessa percepção passam a ser evitados pelos cidadãos residentes em outros bairros, ou apropriados de forma muito pontual. Nesse caso, as barreiras e fronteiras não são tão evidentes como no caso dos muros e grades, mas elas existem e pautam as práticas cotidianas.

Na mesma direção, acreditamos ser necessário nos aprofundarmos sobre o caráter de enclave que certos bairros populares apresentam, visto que seus moradores possuem diversos tipos de dificuldades em acessar os demais espaços da cidade, por exemplo, realizando suas práticas espaciais cotidianas de forma fragmentada.

Nesse sentido, outro elemento que compareceu nas entrevistas e que nos ajuda a compreender a tendência de fragmentação socioespacial em Ituiutaba diz respeito às dificuldades encontradas pelos segmentos de menor poder aquisitivo de circular pela cidade, mesmo que, em tese, essa circulação seja facilitada pelas dimensões da malha urbana, que não impõe impedimentos como os oferecidos nas metrópoles, por exemplo. Ou seja, embora os

cidadinos de todos os segmentos sociais de Ituiutaba tenham potencialmente a capacidade de se apropriar da cidade como um todo, sem ter que se deslocar por longas distâncias, como ocorre nas grandes cidades, eles encontram impedimentos e dificuldades diárias que perpassam sua mobilidade.

Consideramos esse aspecto importante pois a circulação é uma dimensão essencial para a existência dos cidadãos, impactando de forma direta nas demais práticas espaciais, como as de consumo, trabalho e lazer. No caso dos segmentos mais pobres, a falta de recursos afeta sua capacidade de apropriação da cidade, feita, portanto, de forma fragmentada, como podemos observar nas falas da Núbia, residente no bairro Jardim Europa II (Minha Casa Minha Vida). Ao falar de suas práticas de lazer, ou melhor, da ausência delas, a entrevistada nos faz refletir sobre a necessidade de expandirmos nossa compreensão acerca dos enclaves socioespaciais, afinal, quando os cidadãos não conseguem sair de seus bairros, eles não acabam significando um tipo de enclave? Quando a única opção de lazer de uma família é assistir séries no celular, não há aí um indicativo de enclausuramento?

Entrevistadora: Seus deslocamentos pela cidade são feitos como?

Entrevistada: De moto, a pé, de Uber, de coletivo, são esses três, porque aqui em casa não tem moto, nem carro, então quando a gente vai... ou de Uber... quando vai lá para minha mãe, sempre de Uber ou táxi né, porque é mais longe. Porque tem que atravessar a cidade, minha mãe mora lá do outro lado, perto da UFU, então a gente vai e tem que pagar uns 15,00 reais para ir, e mais 15,00 para voltar então... Não dá para ir lá direto porque fica caro. Aí para ir ao serviço eu vou de coletivo e às vezes eu pego o coletivo, mas volto de moto, porque o coletivo aqui no bairro é só três vezes por dia, é de manhã, na hora do almoço e as 18 horas e se perder esse acabou... Aí tem que voltar de mototáxi, é muito pouco o coletivo aqui. Núbia Bueno (Diarista, 46 anos).

Entrevistadora: quais são suas principais atividades de lazer?

Entrevistada: Olha, é difícil viu. Lazer você pegou agora hein! O lazer aqui nessa casa não está tendo não, lazer... ah.... Eu vejo séries no celular, porque sair de casa não está dando, a renda não está dando para arrear o pé de casa não. Mas a gente estava tentando ir numa missa, mas até para ir numa missa está difícil, porque se for para ir na missa tem que ir de táxi, o coletivo não passa no fim de semana aqui não, então não vira! E olha.... Que eu já falei até com o prefeito sobre esse assunto, quando ele estava dizendo que ia trocar a Paranaíba e eu falei que... tinha que por coletivo para cá... no fim de semana! Porque o pobre também quer ir na igreja, o pobre também quer ir na praça e o pobre não pode, porque se você for ir na igreja, aí você tem que ir para a igreja e pagar um táxi para você ir e quer passar na praça porque lá tem um tanto de coisa... tem umas comidas lá... aí você quer comer alguma coisa e se você for de coletivo dá para você comer, mas se você for de táxi não dá. Uai, como você vai gastar um tanto de dinheiro desse se você não tem e tem contas para pagar? E as prioridades sempre são as contas, então não tem lazer de sair de casa não! Núbia Bueno (Diarista, 46 anos, residente no bairro Jardim Europa II).

É por esses aspectos que consideramos fundamental analisarmos as práticas espaciais em conjunto com a observação da produção dos espaços urbanos, visto que é a partir do diálogo entre essas dimensões que as quebras dos laços de sociabilidade se evidenciam. Nesse contexto, é importante compreendermos também os elementos subjetivos que perpassam a crescente individualização da sociedade, que baseia o rompimento dos laços e dificulta a identificação da dimensão coletiva existente na vida urbana. Um aspecto que compõe esse rompimento é a insegurança urbana, ao promover uma cisão entre os segmentos e os bairros seguros (ricos) e os segmentos e os bairros perigosos (pobres).

FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM ITUIUTABA: DIMENSÃO DOS IMAGINÁRIOS URBANOS

Segundo Sposito e Góes (2013) a responsabilidade pela insegurança urbana está associada às representações sociais dos outros, aqueles que oferecem perigos e que devem ser evitados. Assim, precisamos compreender como são produzidas essas representações, apoiadas na espetacularização de certos tipos de violência e na culpabilização de determinados segmentos sociais.

De acordo com a pesquisa "Percepções da Crise", da Fundação Getúlio Vargas (FGV - 2018), que compara a evolução da percepção de medo dos brasileiros em comparação com outros 124 países, temos que o Brasil foi o segundo país com maior medo de violência em 2017. A pesquisa indicou que nas cidades maiores 75% dos pesquisados relatou medo de andar sozinho de noite nas cidades, sendo que nas cidades menores, incluindo o campo, 61% dos entrevistados apresentou essa percepção.

Em relação à Ituiutaba, por meio das entrevistas realizadas foi possível identificar alguns conteúdos que nos auxiliam a compreender certos aspectos da percepção de insegurança dos cidadãos e a traçar paralelos com o processo de fragmentação socioespacial. A principal constatação foi a lógica de culpar os cidadãos moradores de diferentes bairros mais pobres da cidade como os causadores da insegurança, numa tentativa de associar a violência com a figura do "outro".

Segundo Pedrazzini (2006), o novo regime de injustiça social absoluta leva a violência e a insegurança a participarem da produção da identidade urbana, a partir de discursos já pré-estabelecidos que preferem atacar os bairros pobres ao invés de combater a violência (real e simbólica) e a insegurança (incertezas) do meio urbano.

O cidadão residente do bairro Satélite Andradina (bairro popular e estigmatizado da cidade), Pedro Fontoura, nos conta sobre o contexto da insegurança e da sociabilidade violenta vivenciadas por ele, demonstrando que os segmentos mais pobres também são capazes de reproduzirem os estigmas que associam pobreza e criminalidade.

Entrevistadora: A que atribui esse aumento da violência na cidade?

Entrevistado: Bom, eu acredito que tenha aumentado por um fator econômico. Antigamente havia muito assalto localizado no meu bairro, onde pessoas de outros bairros, como o bairro Pedreira, por exemplo, que é vizinho ao Alvorada, que era um bairro vizinho do Satélite Andradina iam e saiam do meu bairro para assaltar terrenos, assaltar casas, pessoas, depois retornavam para os seus bairros de origem. Hoje, nem tanto no meu bairro, mas essa concentração de crimes está localizada mais nesses bairros recentes da cidade como o Canã, esses novos residenciais que foram criados pela prefeitura. Essa é a percepção que eu tenho, as pessoas tem tido uma dificuldade maior para encontrar emprego, em decorrência disso elas têm optado pelo lado mais extremo de viver e optar por essa criminalidade para poder conquistar algo. Pedro Fontoura (21 anos, DJ e universitário).

É interessante perceber que o entrevistado, morador de um bairro pobre e antigo, tido como um dos mais violentos da cidade, identifica a insegurança e violência urbanas com os bairros produzidos recentemente, principalmente os que foram produzidos no âmbito do Programa Minha Casa Minha Vida (os que ele identifica como tendo sido produzidos pela prefeitura), como o Canã. Assim, esses bairros figuram como sendo lócus de episódios e ou vivências associados ao contexto de insegurança na cidade e nos evidencia o quanto os conteúdos sociais associados com os segmentos mais pobres seguem comandando a produção dos imaginários da insegurança.

No mesmo sentido, conforme nos fala o cidadão João Ribeiro, morador do bairro Novo Horizonte, os bairros mais centrais figuram como os mais seguros por serem mais policiados do que os menos centrais e relata experiências pessoais isoladas vivenciadas no contexto da insegurança:

Entrevistadora: Pra você, a cidade de Ituiutaba é violenta? Há insegurança?

Entrevistado: Sim e não, ao mesmo tempo, o que acontece... no centro da cidade há uma maior sensação de segurança, devido ao Batalhão estar no centro da cidade, a questão do Olho Vivo, mas nos bairros periféricos, é onde você vê a questão da violência, isso ocorre em qualquer cidade do nosso país. Em tese, o centro tende a ser a área mais segura. Porém esses bairros que eu morei, no primeiro bairro que eu morei, teve um assalto.

Entrevistadora: Que foi qual bairro?

Entrevistado: No Platina, na verdade não foi assalto, foi um furto. A pessoa entrou e roubou só coisas pequenas que depois eu descobri quem era a pessoa, que era da Apac, ele entrou para roubar coisas pequenas, para depois vender e comprar drogas. João Ribeiro (35 anos, servidor público).

Essa associação dos bairros ricos com a percepção de segurança e a dos bairros mais pobres com a violência aparece também na fala de Marcelo Silva, morador do bairro Centro. Embora o bairro em que ele mora figure entre os que mais apresentaram ocorrências de furto e roubo entre 2010 e 2018 (SANTOS, 2020), o entrevistado não identifica que seu bairro seja violento, seguindo a tendência de afastar simbolicamente a violência de seu espaço de vivência. Para ele, os bairros mais perigosos da cidade são outros, habitados por segmentos de renda mais pobre como o bairro Natal, Novo Tempo I e II, como vemos no trecho selecionado a seguir:

Entrevistadora: Quais os bairros de Ituiutaba que você considera como mais violentos? Por quê? E os mais seguros? Por quê?

Entrevistado: Eu desde quando era criança, o bairro Natal sempre foi muito violento, sempre foi um bairro extremamente violento. Hoje em dia diminuiu, mas ainda é um bairro violento, o bairro Natal. E tem notícia que entre Novo Tempo I, ali, Novo Tempo II, também é complicado, pelo que a gente vê nos noticiários, é complicado. Agora bairros mais tranquilos, que você vê é o bairro Platina, o bairro Progresso, são lugares mais tranquilos.

Entrevistadora: Se você pudesse escolher outro bairro da cidade, se mudaria? Para qual bairro?

Entrevistado: O bairro Independência.

Entrevistadora: Porquê?

Entrevistado: Porque é um bairro de condição econômica boa, ruas largas, ruas grandes, por nossa cidade ser quente, é um lugar que a noite cai um pouquinho a temperatura, é mais fresco e é um local que dá a sensação de segurança. Marcelo Silva (professor, 49 anos).

Por outro lado, o entrevistado identifica que o bairro Independência passa a sensação de segurança, enquanto ele figura como um dos que mais apresenta ocorrências de roubos e furtos nos anos de 2010 a 2018 (SANTOS, 2020), mostrando que a produção dos imaginários da insegurança não correspondem necessariamente à ocorrência de atos violentos.

A cidadina Núbia Bueno, moradora do bairro Jardim Europa II (Minha Casa Minha Vida) também narra algumas experiências acerca da insegurança urbana, estabelecendo comparações entre a situação atual do seu bairro, que considera mais seguro do que no passado, e entre o seu bairro e o Novo Tempo, representado como sendo muito mais violento:

Entrevistadora: E aqui no seu bairro, como é a situação? Você considera que ele é violento?

Entrevistada: Mais ou menos, aqui já foi pior viu, já foi um bairro daquele assim, que você fica cismado a mão. Hoje em dia eu posso dizer que ele está tranquilo, o único problema que a gente tem aqui muito, agudo, é a questão das motos empinando...nossa... meu deus...

Entrevistadora: Moto empinando? O que seria isso mais ou menos?

Entrevistada: Os caras que ficam empinando moto, que sobem e ficam de vandalismo... empinando moto.... É o que incomoda mais. Mas em questão de

roubo assim, hoje em dia, a gente não pode falar assim que está pior. Já esteve pior, bem pior. Hoje em dia está tranquilo e está melhor, está mais tranquilo do que muitos bairros que a gente vê falar aí. Que nem o Novo Tempo, eu já ouvi falar no ponto de ônibus que eu vou, eu vou cedo, eu levanto cinco e meia e vou para o ponto as 06 e 05 ou 06 e 10 pegar o coletivo para ir trabalhar e tem dia que eu chego lá no ponto e está escuro, por ser horário de verão e não tem ninguém na rua, sabe? E aí eu sento lá e fico tranquila. Lá no Novo Tempo, a mulher foi para o ponto cedo para pegar coletivo, nesse horário, as 06 e 30 da manhã e o cara passou e pediu a bolsa e ela estava indo e o cara veio de moto, aí o cara agarrou na bolsa dela saiu e puxou a bolsa e ele saiu arrastando ela, porque ela não soltou a bolsa, e acabou machucando ela todinha e era uma conhecida minha. Então a violência está maior lá, com toda certeza. Aqui, em relação à violência do Novo tempo II está tranquilo aqui e você não vê falar esse tipo de coisa. Núbia Bueno (Diarista, 46 anos, residente no bairro Jardim Europa II).

A correlação entre insegurança e pobreza continua a comparecer na fala da entrevistada - que a despeito de morar em um bairro popular estigmatizado por outros entrevistados - cita como bairro mais violentos da cidade o bairro Novo Tempo II (bairro que historicamente concentra migrantes nordestinos de baixa renda) e o bairro Natal (bairro que como a entrevistada cita, concentra muita gente simples), e relata que o bairro mais seguro em sua opinião é o Baduy, por ser bairro “de rico”.

Entrevistadora: Quais os bairros de Ituiutaba que você considera como mais violentos? Por quê? E os mais seguros? Por quê?

Entrevistada: O Novo Tempo II, eu morei lá muito tempo e era considerado um bairro muito violento. Outro bairro que a vida inteira eu ouvir falar que era violento e que até hoje acho que realmente deve ser, é o bairro Natal. Você já deve ter ouvido falar que lá já deu muita briga, muita confusão, morre gente e é um bairro que em minha vida inteira, eu vejo falar isso. Agora bairro tranquilo.... Agora eu acho que o bairro Natal assim, dá muita confusão e brigas porque é um bairro muito cheio de gente, mais cheio de gente e.... mas de gente simples, que precisa de ajuda e não tem e a hora que você vai olhando as pessoas e você vai vendo o estudo... e o estudo é muito bom e ler te ajuda a se tornar melhor e tem gente que não faz esse tipo de coisa. Agora bairro seguro... seguro mesmo... olha não sei nem se o Centro é seguro mesmo, porque teve um tempo que o povo estava pondo fogo nos carros, nessa cidade. Você lembra desses episódios, né?

Entrevistadora: É verdade. Eu me lembro.

Entrevistada: Aí teve esse tempo de colocar fogos nos carros aí eu falei com uma amiga que estavam seguros no Centro e ela falou que não, que estão jogando garrafas com os trens de fogo por dentro e por cima do portão para pegar fogo nos carros da gente. Então em questão de segurança não sei muito, no Tupã... minha mãe diz que por lá também está muito violento... agora bairro seguro aqui só se for aquele Estados Unidos ali, mas acho que não, um amigo meu mora ali perto e disse para mim que lá não é muito seguro, eu tô pensando.... Só se for o Baduy, um bairro de rico né? Ah o bairro de rico deve ser seguro.... (risos) é verdade... o Baduy deve ser seguro... porque os outros... acho que é o único que é mais seguro aqui na cidade é esse Baduy. Núbia Bueno (Diarista, 46 anos).

Nesse contexto de construir a imagem do "outro" - perigoso e que deve ser evitado - Edson Pontes, morador do bairro Setor Sul, cita diretamente os migrantes nordestinos vindos de Alagoas para trabalhar nas usinas sucroalcooleiras da região como um dos fatores responsáveis pelo aumento da insegurança em Ituiutaba, mostrando que os estigmas vão se sobrepondo na composição das representações da insegurança:

Entrevistadora: Como você conclui que a violência aumentou? Qual seria o fator mais preponderante? Mais específico?

Entrevistado: Porque aumentou a população e com esse aumento vieram muitas pessoas. Em função do aumento da indústria sucro alcooleira, muitos migrantes vieram de outros estados, principalmente, nas últimas duas décadas, do estado de Alagoas, e são pessoas com temperamento diferentes dos mineiros. São pessoas de outro temperamento. Eles quando recebem o salário no final de semana, se excedem na bebida e ficam mais nervosos, brigam entre eles e causam mais violência nesse aspecto. Isso você pode comprovar indo no pronto socorro municipal, você vai ver no final de semana, a maior incidência desse tipo de violência. E segundo, a população não vou dizer que cresceu, a população da cidade inchou. Com mais gente e oportunidades de empregos, cada dia menores, infelizmente... aí um dinheiro fácil, do crime, estimula a pessoa a procurar o crime como fonte de renda, do que um emprego formal qualquer um que seja. Edson Pontes (Produtor rural, 56 anos).

Considerando essa produção de imaginários que dividem a cidade e os cidadãos, em Santos (2020) identificamos que alguns bairros como o Centro e o Independência, destinados a moradores de maior poder aquisitivo, apesar de terem índices de ocorrências de roubos e furtos maiores que os do bairro Natal e Novo Tempo, por exemplo, não figuram no imaginário dos entrevistados como os mais inseguros, indicando a necessidade de buscar mais elementos para a compreensão das representações que apoiam a apropriação e a sociabilidade em Ituiutaba, ao passo que a identificação dos segmentos pobres como aqueles que devem ser evitados amplia as desigualdades socioespaciais num contexto que favorece as cisões que compõem a fragmentação socioespacial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de esgotar o debate, buscamos elencar elementos para conduzir a discussão acerca da tendência de fragmentação socioespacial em Ituiutaba, como forma de contribuir com o aprofundamento da compreensão desse conceito.

A partir da análise das entrevistas com cidadãos e das observações em campo, reunimos os principais apontamentos sobre a percepção de insegurança e sua contribuição para o delineamento da fragmentação socioespacial em Ituiutaba, nos permitindo observar as especificidades desse processo na cidade estudada.

Foi possível identificar que a insegurança urbana alcança os cidadãos entrevistados e altera seus cotidianos. Um ponto importante a ser destacado é que os imaginários do medo tende a associar os riscos com os segmentos mais pobres e com seus bairros de residência, implicando em diferentes tipos de práticas espaciais de separação e evitamento que influenciam diretamente na produção e apropriação do espaço urbano.

Percebemos que em Ituiutaba não há uma coincidência entre os ritmos dos processos que compõem a fragmentação socioespacial em suas principais dimensões, visto que no âmbito do tecido urbano a tendência à separação dos diferentes segmentos sociais está menos avançada do que quando nos referimos ao plano das práticas espaciais e dos imaginários urbanos, indicando que esse "desencaixe" entre os diferentes níveis da fragmentação socioespacial deve ser melhor analisado.

Consideramos assim, que a fragmentação socioespacial é um processo que não pode ser analisado a partir de um enfoque único, visto que ele é composto por múltiplos elementos que se articulam no sentido do acirramento das distâncias físicas e simbólicas que vão erodindo a pretensa coesão das cidades.

É no movimento das relações dialéticas entre a "cidade aberta" e seus enclaves fechados; entre os diferentes tipos de fechamento possíveis - os buscados e os impostos, os materiais e os subjetivos -; entre as fluídas possibilidades de criação de identidades entre o nós

e eles, entre as relações de sociabilidade perigosas e as seguras; que o cotidiano urbano vai sendo atravessado pela fragmentação socioespacial, nos mostrando a necessidade de nos aproximarmos das experiências de vida dos cidadãos para que esse processo possa ser captado.

Consideramos importante desvendar as características e princípios do processo de fragmentação socioespacial visto que a tendência para uma apropriação mais seletiva da cidade vai diminuindo as capacidades de partilhamento comunitário e o interesse em lidar com as diferenças, o que amplia o estranhamento e as desconfianças quando os encontros com a alteridade ocorrem, permitindo que a insegurança se instaure e seja manejada para aprofundar as desigualdades socioespaciais que historicamente vêm acompanhando as cidades brasileiras. Estes aspectos afastam as possibilidades de construção de um ideal de cidade comum, retroalimentando e naturalizando a fragmentação socioespacial, o que acaba por afastar dos cidadãos as possibilidades de vivenciarem a cidade a partir de seu conteúdo de diversidade. Quanto mais separados, física ou simbolicamente, se encontram os diferentes cidadãos, mais normalizado fica o afastamento e mais difícil fica estabelecer pautas comuns.

Acreditamos assim, que precisamos superar às práticas de discriminação e estigmatização dos segmentos pobres para que seja possível enfrentar as divisões socioespaciais tão prejudiciais à vida em sociedade. É preciso, conforme nos enfatizam Soja (2010) e Catalão (2013), buscar estratégias para alcançar uma cidade com maior justiça espacial e social.

REFERÊNCIAS

ADORNO, S. **Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea**. *Jornal de Psicologia-PSI*, n. Abril/Jun., p. 7-8, 2002.

ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019. / Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar- Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**; tradução de Frank de Oliveira-São Paulo: Ed.34/Edusp, 2000. 400p.

CATALÃO, Igor. **Diferença, dispersão e fragmentação socioespacial: explorações metropolitanas em Brasília e Curitiba**. 2013. 190 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente/Université d’Avignon et des Pays de Vaucluse, Avignon.

CAPRON, G. **Quand La ville se ferme. Quartiers résidentiels sécuritisés**. Paris, Bréal, 2006.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

LIRA, Pablo Silva. **Geografia do crime e arquitetura do medo: uma análise dialética da criminalidade violenta e das instâncias urbanas** / Pablo Silva Lira. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2017.

LOURENÇO, Nelson, **Globalização e insegurança urbana**, *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 11 | 2013, posto online no dia 09 dezembro 2013, consultado no dia 23 outubro 2018. URL: <http://journals.openedition.org/ras/308>; DOI: 10.4000/ras.308.

MARCUSE, P. **Of states and cities: the partitioning of urban space**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

MARCUSE, P. **Enclaves, sim; Guetos, não: a segregação e o Estado.** Espaço e Debates, São Paulo, NERU, v. 24, n. 45, p. 24-33, jan./jul, 2004.

MAGRINI, Maria Angélica. **Vidas em enclaves: imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos.** 2013. 488 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

_____, **Interações entre violência e cidades: em busca de uma definição de violência urbana.** Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.36, v.1, p.83-98, jan. /Jul. 2014.

_____, **Violência e insegurança nas cidades brasileiras.** Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium, Ituiutaba, v. 9, n. 1, p. 89-105, jan./jun. 2018.

MIYAZAKI, Vitor Koiti. **Estruturação da cidade e morfologia urbana: um estudo sobre cidades de porte médio da rede urbana paulista / - Presidente Prudente: 2013, 305 f. : il. Orientador: Arthur Magon Whitacker Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia.**

NAVEZ-BOUCHANINE, Françoise. **Des villes entre fragmentation spatiale et fragmentation sociale: une approche critique de la notion de fragmentation.** In: DORIER-APPRILL, Elisabeth (dir.). Vocabulaire de la ville. Notions et références. Paris: du Temps, 2002.

NERI, Marcelo. **Percepções da Crise. Pesquisa da FGV.** 2018.

PEDRAZZINI, Yves. **A violência das Cidades;** Tradução de Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PRÉVÔT-SCHAPIRA, M. **Segregación, fragmentación, secesión. Hacia una nueva geografía social en la aglomeración de Buenos Aires. Economía, Sociedad y Territorio, El Colegio Mexiquense,** A. C. Toluca, México, v.II, n.7, p.405-31, ene./jun. 2000.

_____. **Fragmentación espacial y social: conceptos y realidades. Perfiles Latinoamericanos, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales,** Distrito Federal, México, n.19, p.33-56, dic. 2001.

SALGUEIRO, Teresa Barata. **Paisagem e Geografia.** Finisterra, XXXVI, 72, 2001. p. 37-53.

SALGUEIRO, Teresa Barata. **Lisboa, Metrôpole Policêntrica e Fragmentada.** Finisterra, Lisboa, v. XXXII, n. 63, 1997.

SANTOS, Isabôhr Mizza Veloso dos. **Entre a (in) segurança urbana e a fragmentação socioespacial: as relações de sociabilidade em Ituiutaba-MG.** 2020. 192 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.158> .

SAPORI, L. F. e SOARES, G. A. D. **Por que cresce a violência no Brasil?** Editora PUCMINAS autêntica, Belo Horizonte, 2014.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento.** In: CASTRO, I. E. (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SOJA, Edward. Geografias Pós-modernas. **A reafirmação do espaço na teoria social crítica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. **Seeking Spatial Justice.** Minneapolis: Minnesota University Press, 2010.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais.** In: CARLOS, Ana Fani. SOUZA, Marcelo Lopes de Souza. SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão Sposito. (org.). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011. P. 123-145.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GOÉS, Eda Maria. **Espaços Fechados e Cidades: Insegurança Urbana e fragmentação socioespacial/** Maria Encarnação Beltrão Sposito, Eda Maria Góes. 1-ed. –São Paulo: Editora Unesp, 2013.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches; PORTO, Maria do Rosário Silveira. **Violência, insegurança e imaginário do medo.** Cadernos Cedes, ano XIX, nº 47, 1998.

VASCONCELOS; Pedro de Almeida CORRÊA Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. (orgs). **A cidade contemporânea: Segregação espacial.** São Paulo: Contexto, 2013.

Recebido em: 30/03/2020.

Aprovado para publicação em: 24/11/2020.